



Violência urbana no Brasil contemporâneo

Autor: Eduardo da Silva Garcia

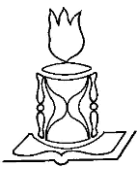
2º semestre/ 2017

Roteiro de Atividades Didáticas (8 aulas de 50 minutos)

Público-alvo: 3ª série do ensino médio.

Objetivos: Apresentar o aluno do ensino aos principais conceitos da sociologia para lidar com a questão do crime e da criminalidade. Refletir sobre o tema no contexto da sociedade brasileira, situando historicamente a emergência do problema e apontando para as suas principais características.

Justificativa: Trata-se de um tema de extrema importância, de grande apelo na mídia e na sociedade como um todo. Dessa forma, é imprescindível que os alunos possam abordar a questão da violência urbana a partir de uma perspectiva sociológica, de modo a problematizar algumas visões naturalizadas sobre o tema, tal como aquelas que tratam como um problema próprio do indivíduo, mas também aquelas que estabelecem uma relação automática entre criminalidade e pobreza. Além disso, a partir do estudo de caso que aqui proponho, referente a sociedade brasileira, será possível qual é possível rever e aplicar vários conhecimentos sociológicos já trabalhados em outros anos e bimestres pelas turmas, como, por exemplo: estratificação social e desigualdade, o papel do Estado e suas deficiências, raça e racismo, individualismo e consumismo.



Aula 1 – Provocação inicial – Situar historicamente o problema da violência no Brasil.

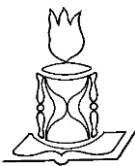
Recursos: 1) relatos pessoais dos alunos sobre o contato com a violência; 2) fotografias de fachadas de edifícios do começo do século XX e de fachadas de casas e condomínios a partir dos anos 90.

[as imagens estão no anexo 1]

Objetivo: Apontar para a formação relativamente recente do problema da violência entre nós.

Metodologia: O professor deve investigar os hábitos cotidianos e de lazer de seus alunos, em suas casas ou em espaços públicos, e questionar se e como eles regulam suas condutas de acordo com o medo de violência. O professor deve fazer questões como: São Paulo é uma cidade segura? A Bela Vista (ou outro bairro) é segura? Vocês se sentem seguros na rua? Vocês têm medo de assalto? Alguém já foi assaltado? Em sua/seu casa/condomínio o que é feito em relação à segurança? É uma preocupação? etc.

Na sequência, o professor deve mostrar as imagens de fachadas de casas e condomínios, bem como de locais destinados ao lazer, do começo do século XX e das construções a partir dos anos 90. Com base na argumentação de Teresa Caldeira (2000), essa aula busca mostrar ao aluno que, apesar da desigualdade histórica que caracteriza a divisão das classes no Brasil, nem sempre o crime foi uma preocupação tão presente no cenário urbano. Através das imagens, o professor deve apontar para o fato de que as construções do começo do século, em geral, não têm muros, grades e cercas elétricas. Além disso, na maioria das vezes, não existe recuo entre o edifício e a rua, de modo que a entrada do edifício se dava diretamente a partir do nível da rua, sem a necessidade de passar por uma portaria ou por aquelas “gaiolas”, com dois portões, para se chegar ao edifício propriamente dito. Deve-se apontar também para o surgimento dos shoppings e como os hábitos de lazer passaram a privilegiar locais fechados e controlados por segurança privada. Principalmente, no centro da cidade, parques e praças passaram, ao longo dos anos 80 e 90, por um processo de degradação.



Aulas 2 – Conceitos sociológicos para análise e explicação do crime

Recursos: giz e lousa.

Objetivo: Apresentar os alunos a conceitos e noções “clássicas” da Sociologia sobre o tema.

Metodologia: Aula expositiva com auxílio de giz e lousa. O professor deve utilizar a lousa para expor e definir os conceitos a seguir: desvio e carreira moral (Becker, 1973); estigma (Goffman); e a relação entre poder, Estado e delinquência em Foucault (2004). De modo geral, essas aulas devem mostrar a aluno como a tendência à criminalidade não se trata de uma questão puramente individual, mas que devem ser investigadas a partir dos sistemas de valores de uma sociedade e das alternativas que eles abrem para a constituição dos sujeito. Quanto a obra de Foucault, é preciso pontuar que é o próprio Estado, assentado em estratégias e jogos de poder, que cria as condições para que a delinquência se coloque como principal alternativa para grandes contingentes de jovens.

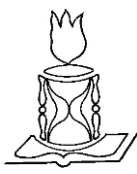
Aula 3 – A constituição do problema da violência urbana no Brasil contemporâneo

Recursos: giz e lousa.

Objetivo: Essa aula apresentará para os alunos os principais motivos que fizeram com que a violência urbana passasse a ser uma questão cada vez mais frequente a partir dos anos 80.

Metodologia: Aula expositiva. Com base principalmente nos trabalhos de Zaluar (1985) e Caldeira (2000), nessa aula o professor deve abordar os seguintes aspectos da questão:

- esgotamento do *milagre econômico* e da perspectiva de mobilidade social por meio do trabalho industrial;
- processo de hiperinflação e política de arrocho salarial;



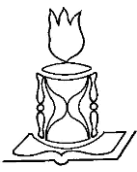
- aumento do acesso às armas de fogo, em decorrência do aumento da produção desses objetos pela indústria nacional;
- surgimento do mercado de drogas ilícitas e as promessas de ganhos econômicos oferecida por ele, muito mais elevados do que os ganhos as classes trabalhadores podem ganhar no trabalho legal (formal ou informal);
- as deficiências do Estado brasileiro em garantir acesso à cidadania para as classes trabalhadores pobres por via de serviços públicos de qualidade;
- atuação truculenta e repressiva da polícia militar, sobretudo, nas áreas mais pobres das cidades, o que também se configura como um entrave à consolidação da cidadania desses sujeitos;
- por fim, deve-se apontar como a articulação desses fatores gera a “revolta” por parte dessas classes. Trata-se de uma categoria nativa registrada por Zaluar (1985), com o qual os moradores da Cidade de Deus descreviam sua postura em relação ao Estado. Deve-se apontar, então, que essa “revolta” é mobilizada por essas pessoas para entenderem os motivos que levam principalmente os jovens a enveredarem por práticas passíveis de incriminação.

Aula 4 – Atividade 1: “Ciclo da violência”, “acumulação social da violência”

Recurso: artigo *A morte de Eduardo e a maioria penal*, Por Rosana Pinheiro-Machado — publicado em *Carta Capital*, 06/04/2015 (**anexo II**).

Objetivo: Apresentar os alunos aos conceitos de “ciclo de violência” (Caldeira, 2000) com o objetivo de sedimentar e avaliar o aprendizado dos conceitos tratados nas aulas anteriores.

Metodologia: O professor distribui os textos. A leitura será feita em sala, conjuntamente e em voz alta. O professor pode pedir para que cada aluno leia um trecho e, entre um parágrafo e outro, é fundamental que ele auxilie os alunos a interpretar o que foi lido, fazendo as devidas relações com o que fora visto nas aulas anteriores. O professor deve enfatizar a ideia de “ciclo da violência”, que aparece no artigo de Pinheiro-Machado e já fora mencionado nas aulas anteriores. Com esse conceito, deve-se mostrar para os alunos como a questão da violência não pode ser entendida fazendo-se menção somente às motivações individuais de certas



peessoas que “escolhem o caminho do crime”. A partir da leitura do texto de Pinheiro-Machado, deve ficar claro ao aluno que a violência no Brasil é resultado da precariedade das relações das classes trabalhadoras pobres com o Estado e com as demais classes, às quais, em geral, o trabalhador pobre está submetido.

Aula 5 – Atividade 1: Questionário sobre o artigo de Pinheiro-Machado

Recurso: questionário (anexo III)

Objetivo: avaliar a leitura e compreensão do artigo e também o entendimento dos conceitos trabalhadores nas aulas anteriores.

Metodologia: A proposta é que o professor distribua os questionários aos alunos e os divida em grupos de 4 ou 5 pessoas para que possam discutir o texto e resolver possíveis dúvidas entre si. Ainda assim, cada aluno deve responder individualmente, para que todos treinem a escrita. O professor deve ficar à disposição dos alunos para ajudá-los caso seja necessário. Os alunos devem resolver os exercícios no período da aula e entregar questionários e respostas ao final da aula. Caso o tempo de uma aula seja insuficiente, os alunos terminarão de responder na aula seguinte, quando o professor lhes devolverá o questionário e as respostas incompletas.

Aula 6 – Representação positivada do crime – processo de subjetivação

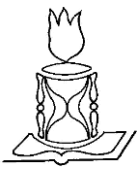
Recurso: 1) Canção *Diário de um detento*, da banda *Racionais MC's*; 2) trecho do personagem Sabiá, da novela *A força do querer* (anexo IV).

Objetivo: Com base nos trabalhos de Misse (2010) e Feltran (2013), o professor deve mostrar que um dos fatores que complexifica a questão da violência no Brasil é o fato de que se criou as condições para que o crime e o criminoso (“bandido”) sejam representados de forma positiva, não só no “mundo do crime”, mas também perante trabalhadores que não estão envolvidos nessas relações. Nas palavras de Telles e Hirata (2010), mostrar como o crime (o PCC especificamente) passou a reivindicar para si a legitimidade como força promotora da ordem nas periferias da cidade e, principalmente, de ser aceita como tal por segmentos das populações locais.



Metodologia: Em primeiro lugar, o professor deve anunciar os recursos audiovisuais que vai utilizar e contextualizar cada uma das obras e dos artistas em questão. O professor, então, distribui a letra da canção e, na sequência, toca a música. Quando a música terminar, o professor deve comentar os trechos em que se revela essa posituação da figura do “bandido” e também apontar os motivos citados pelo narrador para que isso ocorra, isto é, porque o crime é considerado legítimo. No caso da canção selecionada, o narrador fala do descaso do Estado, por um lado, e a atração exercida pelos ganhos altos e aparentemente fáceis oferecidos pelo crime, em geral, e o comércio de drogas ilícitas, em particular, por outro lado. Deve-se apontar também que o mundo do crime, tal qual mencionado na canção, não é sinônimo de caos e barbárie, mas que, diferentemente, há uma moral dos “bandidos”, o que inclui, acima de tudo, o respeito aos valores da família e da honra. Após esgotar a explicação e as questões e colocações dos alunos sobre esse recurso, o professor passa para o trecho da novela. Nesta cena, o personagem Sabiá, chefe do tráfico do *Morro do Beco* (local fictício), arbitra sobre os problemas cotidianos do bairro, desde desavenças entre maridos e esposas, até a definição de modos de proceder com pequenos ladrões que fazem assaltos na própria comunidade, o que é proscrito em sua lei. Na sequência, o personagem é baleado em uma emboscada da polícia. É feito o mesmo trabalho de apontamentos sobre o que foi visto, no caso, o próprio poder de decisão e de punição exercido por Sabiá, sabidamente criminoso por toda a população local, ou seja, é preciso apontar para os alunos que, nesses contextos, a população aceita como legítimo o arbítrio exercido por criminosos como Sabiá. Importante reforçar, dado o carisma do personagem, que apesar de sua aceitação na comunidade, as escolhas desse personagem que o levaram a ser um criminoso deixam-no vulnerável à ação da polícia. Em poucas palavras, necessário reforçar, dado que os alunos são adolescentes, que não existem quaisquer benefícios, a longo prazo, no “mundo do crime”. O professor recebe as colocações dos alunos até que o tema se esgote.

Ao finalizar essa discussão, o professor deve dividir a turma em duplas e propor o seguinte trabalho: cada dupla deve trazer para as próximas duas aulas algum produto cultural (música, trecho de filme, novela ou série, poesia, etc.) que represente o crime, a criminalidade ou o criminoso. Não necessariamente precisa



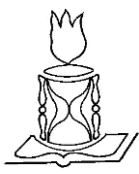
apresentar o viés da positivação que eu (professor) decidi abordar na minha apresentação. A dupla deverá apresentar esse produto para a turma em umas das duas próximas aulas e deve se guiar pelos parâmetros a seguir: Como o criminoso é retrato? Quais são seus valores? Como é explicada/justificada as ações do criminoso?

Aulas 7 e 8 – Atividade 2: Seminários discentes – representações do crime e do criminoso na cultura de massa

Recursos: material audiovisual trazido pelos alunos.

Objetivos: retomar os conceitos e dados históricos apontados nas aulas anteriores; treinar os alunos na prática de seminários; e desenvolver a habilidade analítica em relação a esses bens culturais.

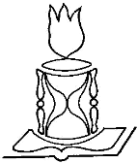
Metodologia: Cada dupla deve apresentar o material selecionado e apontar brevemente como o crime ou o criminoso são representados. O professor deve fazer seus próprios apontamentos, tanto analisando o material apresentado, quanto contextualizando a sua produção, quando for o caso.



Anexo I

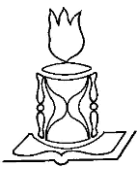
1. Casas do início do século





2. Casas pós 1980





Anexo II

A morte de Eduardo e a maioria penal

Os dois casos estão diretamente ligados: é a falta de política e justiça social que estimula a violência urbana

Por [Rosana Pinheiro-Machado](#) — publicado 06/04/2015 12:54

A morte brutal do menino Eduardo de Jesus Ferreira, de apenas 10 anos de idade, no Complexo do Alemão na semana passada, está diretamente relacionada ao debate sobre a redução da maioria penal. Não há como discutir este assunto sem olhar de perto as condições de vida dos jovens das periferias do Brasil.

Aos 16 anos, Kiko já “puxa um bonde” e assalta diariamente no Centro da cidade.

"Se mudar a lei, tu não tens medo de ser preso, Kiko?"

"Não."

"Tu não tens medo de morrer?"

"Não."

O Kiko não nasceu bandido, tampouco destemido. Ele era um guri bastante amedrontado até... Mas foi ficando esperto com o passar dos anos. Quando ele fez 14 anos, pediu um tênis de 300 reais para o pai, que não pode dar. A mãe ofereceu comprar um de 180, mas ele achou ruim. Saiu de casa à noite, indignado por passar de ano e não ganhar o que queria. Ele nunca mais voltou, e hoje tem uma coleção de calçados, perfumes e roupas. Mas do que isso, ele hoje tem poder. Pouco importa, para Kiko, ser preso aos 16 ou aos 18. Muitos meninos desse mundo não vivem muito. Ele prefere o risco e ter uma vida empoderada. Mulheres e marcas de luxo são exibidas nos bailes funk. Eu acho que ele vai mudar de opinião sobre a morte se um dia estiver sofrendo de dor por conta de um tiro ou uma facada que levar. Ele tem raiva e orgulho. "Pela primeira vez eu tenho poder e sou respeitado. As pessoas sabem meu nome", dizia ele.

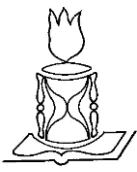


Eu tenho certeza que qualquer leitor que conhecer o beco onde Kiko se criou entenderá que ele fez uma escolha moralmente errada, mas não irracional. O lugar é a síntese do conceito de multidimensional da pobreza: falta tudo, absolutamente tudo. E toda essa falta sistêmica está interconectada com o tráfico, a polícia que extorque todos os dias, e o Estado que só se faz aparecer em época de eleição ou por meio da repressão violenta. Kiko tinha nove anos quando viu sua vizinha ser atropelada e ficar agonizando como aqueles animais de estrada que o carro passa e vai embora. Ele tinha as pernas finas, jogava uma pelada e brincava de carrinho quando viu a filha recém-nascida de seu outro vizinho ficar paralisada porque não teve atendimento médico. A menina respira por sondas, mas isso nem sempre funciona bem porque não há energia no local para fazer funcionar o aparelho. O pai da criança deveria receber dinheiro do Estado para a compra e leite especial, mas não recebe e nenhum burocrata dá satisfação alguma.

O Kiko também viu o seu pai chegar ao posto médico de jejum às sete da manhã para um exame, depois de um ano esperando por este dia, e ter sido atendido apenas às nove da noite. Desmaiou de fome. Ninguém levou comida, porque ninguém tinha dinheiro para pegar ônibus e ir até lá. O menino soube que ninguém se importou quando seu pai desmaiou na sala de espera e as atendentes do posto trataram-no como um rato imundo. Ele viu de perto a casa do vizinho pegando fogo, o mesmo vizinho que tem câncer e é também é tratado como um ser de menos valor nos hospitais. Ele viu o tráfico local pagar semanalmente 3500 reais para a polícia. Kiko não teme ser preso porque a prisão, na verdade, é um lugar bem conhecido em sua comunidade.

Preconceito e humilhação de todas as ordens marcaram sua socialização. Hoje, ele diz não ser mais um fracassado e, assim, mostrou sua música preferida, Sem Limites, um funk do MC Duduzinho

Axé, Erê, Senhor, sempre o meu pastor, Nada me faltará e sempre me guardar. Por onde eu andar, não me deixa cair. E se o dia for triste, faça ele sorrir. (...) Eu sei, que a vida não é fácil não. Me desculpe mãe, por essa contra mão. Pedi perdão ao pai, mas ainda estou bem, Pois nessa escola da vida sempre sonhei em ser alguém. Dificuldade pra mim nunca me diminuiu.(...) O covarde vive muito nesse mundo



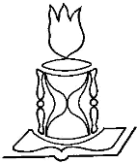
louco. Mas, eu prefiro morrer, pra nascer de novo. Sem limites, eu sempre fui um moleque sem limites. Acostumado a viver no crime, e sem ter hora pra voltar. São Jorge protetor, tem sempre meu valor. Eu tatuei em mim, pra nunca sentir dor. Pai de revoluções, quem crê diga amém. E se ele lutou, eu vou lutar também. Vou fazer rico beijar o pé de quem é pobre. E quem é pobre subir, mas nunca ser esnobe. Eu imagino um vendedor de picolé de praia, Tendo de tudo que há de luxo dentro da sua casa. Quem crê diga amém sempre pro nosso bem, O mundo que nós vivemos é o mesmo do além Não desisti não tu sabe como é que é essas palavras É do grande Chico Xavier.

Eu não estou aqui para dizer que Kiko é uma vítima. Kiko já foi vítima, mas hoje é ele quem faz suas vítimas. Ele conta que a primeira vez que rendeu uma pessoa, tremia dos pés á cabeça, suava frio, sentia pena. Hoje, “*age pelo psicológico, botando medo*”.

A violência das grandes cidades é um problema gravíssimo. A banalização dos assaltos inibe o direito fundamental de ir e vir de milhões de brasileiros que são rendidos covardemente. Meu ponto nesta discussão é, simplesmente, argumentar que esse quadro não vai mudar com a redução da maioria penal. Ao contrário: vai piorar.

Encarcerar um menino como Kiko numa penitenciária só vai torná-lo uma pessoa ainda mais fria e destemida. Ele jura nunca ter matado ninguém, mas após uma experiência como a prisão no Brasil, é bem provável que fará isso com certa facilidade. Desde o século 19, é provado que as prisões não diminuem a violência. A redução da maioria penal só piora um quadro que já é crítico, superlotando celas com milhares de meninos assaltantes que vivem o auge de uma fase da vida em que se descobrem homens, viris, machos. É na juventude que armas e produtos de marca fazem mais sentido do que qualquer outra fase da vida. É um momento de autoafirmação da trajetória. Nega-se a pobreza e a humilhação vivida. Inverte-se o jogo.

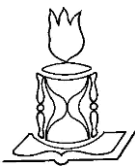
Como pesquisadoras de bondes e rolezinhos, eu e minha colega Lúcia Scalco temos observado que, para a maioria dos jovens, essa vida de assaltos, pichação, consumo ostentação e baile funk é uma fase da vida, que passa quando se tornam pais.



Muitos meninos podem mudar seu destino. Colocar esses adolescentes junto a infratores mais experientes significa produzir bandidos, e não contê-los. Não acredite que o problema da violência urbana é a impunidade. Os jovens infratores da aprenderam a ser destemidos e sem limites.

A violência urbana é fruto da desigualdade social, o que se soma a um modelo ideológico perverso em que ter é poder. Kiko é apenas um, entre milhares de brasileiros, que sobreviveu e que cansou de ser um ninguém. Hoje, ele reproduz a mesma violência que rodeou a sua vida, a de seus familiares e vizinhos. A violência que ele recebeu na infância na periferia é retribuída à sociedade na transição à vida adulta. É esse ciclo de violência praticada tanto pelo Estado quanto pelo tráfico que precisa ser cortado. E todos nós sabemos disso, então, por que levar adiante essa ideia absurda?

A única metáfora que nos descreve é a do Alienista. Não há mais lugar para aprisionamento. Somos todos parte de uma sociedade violenta, da qual sofremos e reproduzimos todos os dias. Violência urbana só se resolve com política e justiça social.



Anexo III

Questão 1

- a) Que convenção da relação entre pais e filhos Kiko tinha em mente ao pedir um tênis de 300 reais ao pai?
- b) A partir dessa história, explique por que é a convenção descrita acima é condicionada pela classe.

Questão 2 – Quanto aos significados desse texto, indique:

- a) De que maneiras o tênis, na história acima, indica as capacidades e o poder de Kiko?
- b) A esse respeito, compare o tipo de poder e de capacidades que Kiko deseja exibir com esse tênis, que pediu ao pai, com os bens e histórias que são valorizados no contexto do baile funk?

Questão 3 – Tendo em vista a ideias de reconhecimento e poder, por que a autora afirma que a escolha de Kiko é moralmente errada, mas não irracional?

Questão 4

- a) O que a autora quer dizer ao afirmar que a pobreza, no caso de Kiko, é multidimensional? (“conceito multidimensional de pobreza”).
- b) Quais exemplos ela utiliza para ilustrar essa ideia de pobreza multidimensional?

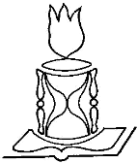
Questão 5 – A partir dos exemplos citados pela autora, qual a relação entre o Estado (as instituições do Estado) e pessoas pobres, como Kiko?

Questão 6 – Analise a relação entre essa pobreza multidimensional e o tráfico de drogas e/ou a criminalidade?

Questão 7 – A letra da canção de MC Duduzinho, reproduzida por Pinheiro-Machado, mostra que as escolhas de Kiko são justificáveis e, de certa forma, aprovadas no contexto social em que ele está inserido. Do mesmo modo, a identidade violenta e destemida que Kiko desenvolve para si também é valorizada nesse contexto. A esse respeito, destaque e analise as passagens da canção têm paralelos com a história e o contexto social de Kiko.

Questão 8 – A respeito dos objetivos da redução da maioria penal, responda:

- a) Qual quadro se deseja mudar com a redução da maioria penal?

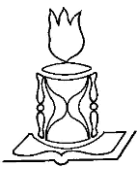


b) Qual a posição de Pinheiro-Machado a esse respeito? Justifique sua resposta com base no texto.

Questão 9 – A respeito das trajetórias de criminosos mencionadas pelas autoras, responda:

- a) Qual a relação entre juventude e criminalidade no contexto analisado pela autora?
- b) Especificamente a esse respeito, como a redução da maioria penal pode agravar a situação?

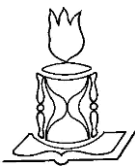
Questão 10 – A partir da ideia de “ciclo de violência”, que aparece no penúltimo parágrafo, reproduza os argumentos da autora para explicar as causas da violência urbana.



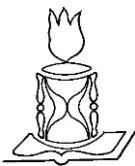
Anexo IV

1. Canção: *Diário de um detento*, Racionais MC's, 1997 (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM>)

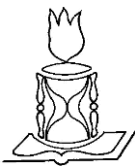
São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã
Aqui estou, mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel
Na muralha, em pé, mais um cidadão José
Servindo o Estado, um PM bom
Passa fome, metido a Charles Bronson
Ele sabe o que eu desejo
Sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso. O clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero
Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?
Mando um recado lá pro meu irmão
Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão
Ele ainda tá com aquela mina
Pode crer, moleque é gente fina
Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro, e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar
Homem é homem, mulher é mulher
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10
Cada detento uma mãe, uma crença



*Cada crime uma sentença
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima
sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio
sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química
Pronto: eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã
Aqui não tem santo
Rátátátá preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
pra viver no país das calças bege
Tic, tac, ainda é 9h40
O relógio da cadeia anda em câmera lenta
Ratatata, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do Centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu computador
Hoje, tá difícil, não saiu o sol
Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros têm a mente mais fraca
Não suportam o tédio, arruma quiaca
Graças a Deus e à Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e Pinho Sol
Um preso se enforcou com o lençol*



*Qual que foi? Quem sabe? Não conta
la tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes
Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?
A vaga tá lá esperando você
Pega todos seus artigos importados
Seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do Inferno com moral
Um dia no Carandiru, não ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros
Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela
Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada
Mas pro Estado é só um número, mais nada
Nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês, cada
Na última visita, o neguinho veio aí
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free
Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma nove milímetros embaixo da blusa
Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?"
Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso
Ficava muito doido e deixava a mina só
A mina era virgem e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó!"
Brown: "Esses papos me incomoda*



Se eu tô na rua é foda"

Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."

Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí

Eu quero mudar, eu quero sair

Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum

E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."

Amanheceu com sol, dois de outubro

Tudo funcionando, limpeza, jumbo

De madrugada eu senti um calafrio

Não era do vento, não era do frio

Acertos de conta tem quase todo dia

Tem outra logo mais, eu sabia

Lealdade é o que todo preso tenta

Conseguir a paz, de forma violenta

Se um salafrário sacanear alguém

leva ponto na cara igual Frankenstein

Fumaça na janela, tem fogo na cela

Fudeu, foi além, se pã!, tem refém

Na maioria, se deixou envolver

Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder

Dois ladrões considerados passaram a discutir

Mas não imaginavam o que estaria por vir

Traficantes, homicidas, estelionatários

Uma maioria de moleque primário

Era a brecha que o sistema queria

Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem

Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatatá, caviar e champanhe

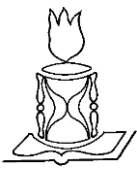
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo

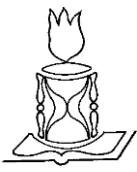
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!

O ser humano é descartável no Brasil

Como modess usado ou bombril

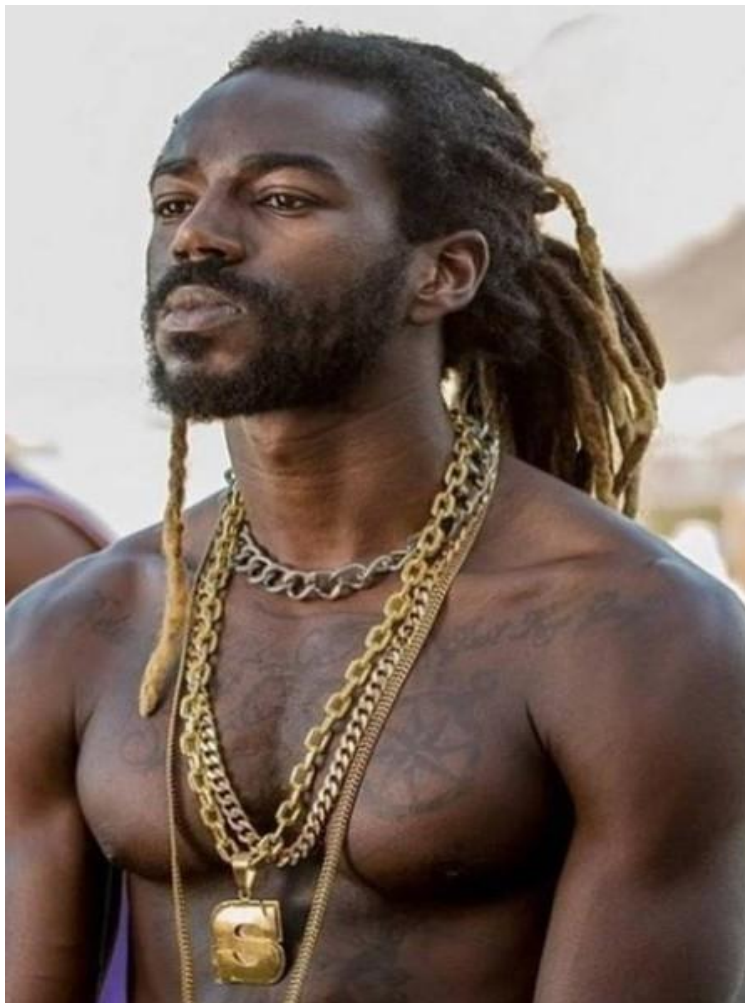


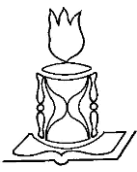
*Cadeia? Guarda o que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz
Ratatatá! sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor
Perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no salmo 23
sem padre, sem repórter
sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio e ri como a hiena
Ratatatá, Fleury e sua gangue
vão nadar numa piscina de sangue
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia 3 de outubro, diário de um detento.*



2. Cena de Sabiá, em *A força do querer*, 2017 (Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=-3XM_sWgKUw





Referência Bibliográfica (para o professor):

BECKER, Howard. *Outsiders – Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1973.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MISSE, Michel. "Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria 'bandido'". In: *Lua Nova*, 79: 15-38, São Paulo, 2010.

TELLES, Vera & HIRATA, Daniel. "Illegalismos e jogos de poder em São Paulo". In: *Tempo Social*, vol. 22, n. 2, 2010.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.